



## NÚCLEOS DE AGROECOLOGIA: TECENDO REDES DE SOLIDARIEDADE, DIVERSIDADE E RESISTÊNCIA

Irene Maria Cardoso<sup>1</sup>; Natália Almeida de Sousa<sup>2</sup>; Maria Virginia de Almeida Aguiar<sup>3</sup>; Luiza Damigo<sup>4</sup>; Cristhiane Amâncio<sup>5</sup>

Núcleo de Agroecologia é uma inovação das instituições brasileiras de ensino e pesquisa. A proposta de incentivo à criação e fortalecimento de Núcleos se deu a partir da Comissão Interministerial de Educação em Agroecologia, que funcionou de 2003 a 2010, da qual participavam o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA, atualmente Secretária de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário – SEAD), o Ministério da educação (MEC), o Ministério do Meio Ambiente (MMA) e o Ministério da Ciência e Tecnologia (atual Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e Comunicação, MCTI) em diálogo com vários grupos e instituições brasileiras dedicadas à agroecologia, a agricultura camponesa e a educação, por meio dos Fóruns de Educação em Agroecologia e Sistemas Orgânicos de Produção. A proposta, entretanto, tem uma ancoragem histórica nos grupos de agricultura alternativa (posteriormente, de agroecologia) que se organizam nas universidades brasileiras desde a década de 1980; nos pressupostos teóricos de Paulo Freire, que afirma que o conhecimento deve ser construído em diálogo com a população e sem ignorar os saberes tradicionais em seus processos e; na busca da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, um princípio constitucional que rege a educação superior brasileira.

Ao longo de sete anos da política pública (2010 a 2017) de apoio aos Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs), o governo federal lançou oito chamadas que apoiaram 380 projetos, de aproximadamente 150 Núcleos em universidades públicas, institutos federais e organizações estaduais e federal de pesquisa. As chamadas foram lançadas pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) em parceria com MAPA, MDA, SEAD, MEC, Ex-Ministério da Pesca (MPA), MCTI, MEC e Casa Civil. Uma das chamadas (81/2013) apoiou, também, a organização de cinco redes de Núcleos (R-NEAs), uma em cada região brasileira. Desde o nascedouro, os NEAs constroem ambientes de aprendizagem e formação dentro de suas instituições, em todo o Brasil. Da combinação entre atuação em rede, formação humana e política, assim como intercâmbio de saberes, os NEAs são espaços que acolhem diversidades e fortalecem resistências na construção de processos educativos participativos, transdisciplinares e sintonizados aos desafios dos(as) agricultores(as) familiares e urbanos, consumidores(as), povos e comunidades tradicionais. Com poucos recursos, os Núcleos, em ações contextualizadas e articuladas com as dinâmicas territoriais, envolveram 437 professores, 449 estudantes de graduação, 787 bolsistas, promoveram 1.460 eventos, 312 cursos com 8.495 horas de duração, atingiram 25.530 educandos e cerca de 61 mil pessoas nas 5 regiões brasileiras.

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal de Viçosa; presidente da ABA-agroecologia gestão 2014-2017; coordenadora do Projeto de Sistematização dos Núcleos de Agroecologia; e-mail irene@ufv.br

<sup>2</sup> Bolsista do Projeto de Sistematização dos Núcleos de Agroecologia; e-mail natalia.almSouza@gmail.com

<sup>3</sup> Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, vice-presidente da ABA-agroecologia gestão 2014-2015; coordenadora do Projeto de Sistematização dos Núcleos de Agroecologia; e-mail mvirginia.aguiar@gmail.com

<sup>4</sup> Bolsista do Projeto de Sistematização dos Núcleos de Agroecologia; e-mail luiza.damigo@gmail.com

<sup>5</sup> Pesquisadora da Embrapa-agrobiologia; tesoureira da ABA-agroecologia gestão 2014-2017; coordenadora do Projeto de Sistematização dos Núcleos de Agroecologia; e-mail cristhiane.amancio@embrapa.br

Os NEAs possuem forte presença das Ciências Agrárias, mas estão em diálogo com as Ciências Humanas, Sociais, Biológicas e da Saúde, o que confere interdisciplinaridade a eles. Os professores que participam dos NEAs atuam em diferentes cursos de pós-graduação, bacharelado e licenciaturas. Embora com ações diversificadas, estas são direta ou indiretamente relacionadas à produção de alimentos saudáveis, a partir do cuidado e da potencialização dos benefícios da natureza.

O projeto “Sistematização de experiências, construção, socialização de conhecimentos e práticas relacionados à Agroecologia - O protagonismo dos Núcleos e Rede de Núcleos de Estudo em Agroecologia (NEA e R-NEAS) das universidades públicas brasileiras”, executado em parceria com a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-agroecologia), teve como objetivos sistematizar e analisar criticamente as práticas dos NEAs, além de extrair lições que apontem para a proposição e reformulação de políticas públicas de construção do conhecimento agroecológico, para o aperfeiçoamento das chamadas públicas de Agroecologia e, enfim, para o aprimoramento e ampliação da Agroecologia no país. Todos os NEAs e R-NEAs, independente de qual chamada pública que recebeu apoio, foram convidados a participar da sistematização. Alguns grupos de agroecologia e muitas organizações ligadas à Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) também participaram.

Sistematizar experiências é uma forma de organizar e socializar conhecimentos, extrair lições e aprender coletivamente por intermédio das trajetórias construídas e experiências vividas por múltiplos sujeitos. Na agroecologia, isso significa fortalecer práticas acumuladas nos territórios, valorizar diferentes movimentos e construir uma ciência humanizada, popular e solidária, que respeite a natureza e a cultura popular. Ao longo dos dois anos de realização das atividades, o Projeto de Sistematização mergulhou nas histórias dos Núcleos de Agroecologia que desaguam em um mar de experiências agroecológicas com muitas ações e inovações, e que são construídas a partir da transdisciplinaridade e indissociabilidade entre Pesquisa, Ensino e Extensão, fortemente engajadas nas dinâmicas territoriais.

Para sistematizar as experiências dos NEAs, que estão ocorrendo de forma descentralizadas pelo Brasil afora, no campo e na cidade, o Projeto realizou, entre outras ações, cinco Seminários Regionais, 17 Oficinas nos territórios de atuação dos Núcleos, cinco Seminários ampliados de planejamento, avaliação e socialização dos resultados parciais e finais, um Encontro Nacional de socialização das lições aprendidas e um Seminário Nacional de Educação em Agroecologia, no qual a relação entre agroecologia e educação do campo foi claramente manifestada. Foram aproximadamente 50 atividades, 730 horas presenciais de formação, envolvendo diretamente mais de 2.734 pessoas e aproximadamente 90 Núcleos (incluindo as R-NEAs), das cinco regiões do país. Dentre outros produtos, organizou-se a Biblioteca Virtual “Varal de Saberes” (<https://goo.gl/Xt6poa>), com a memória de todo o processo de sistematização; a sistematização de 28 fichas metodológicas (<https://goo.gl/6CQw7g>); a produção de 42 vídeos (UcCpbo3v5eHt1MIHxEb9bgQ); três capítulos de livros; publicação de uma edição especial da Revista Brasileira de Agroecologia com 28 artigos científicos, fruto da sistematização dos NEAs; vários resumos publicados nos Cadernos de Agroecologia, sendo 168 resumos expandidos publicados nos anais do II Seminário de Educação em Agroecologia.

Dentre as principais lições apreendidas durante o projeto de sistematização, destacamos: a sistematização de experiências se aprende fazendo; a sistematização e a comunicação devem ser internalizadas pelos Núcleos como processos contínuos; a sistematização deve ser vista como uma possibilidade de buscar espaços de reflexão e de novos olhares (internos e externos) que contribuam para a avaliação dos Núcleos; os Núcleos e seus projetos devem ser compreendidos enquanto processos enraizados nos territórios, que envolve, em parceria com as organizações sociais e as instituições, os jovens, as mulheres, os movimentos sociais e os demais sujeitos do campo e da cidade; todas e todos podem e devem sistematizar suas experiências, mas, para isso, é importante utilizar metodologias que sejam dialógicas e horizontais, que permitam a escuta aos saberes e práticas existentes nos territórios; os Núcleos, por acolher diversidades e serem mantidos por diversidades, propiciaram, e devem continuar propiciando, formações diferenciadas, em múltiplas ações e iniciativas, articuladas com diversos grupos e parcerias amplas, com diversos atores e organizações; em seus processos os Núcleos procuram criar ambientes que permitiram a realização de forma transdisciplinar e indissociável da pesquisa, ensino e extensão, com isto, ampliaram a participação dos agricultores(as) nas universidades, institutos e instituições de pesquisa; as Caravanas Agroecológicas e Culturais e as demais metodologias adotadas pelos

Núcleos possibilitaram o encontro, o convívio e a troca de saberes, e são exemplos de inovações que permitem fortalecer a agroecologia enquanto ciência, prática e movimento; o tema do feminismo está, aos poucos, sendo incorporados pelos Núcleos e, alguns deles, se ocupam especificamente com esta temática; alguns Núcleos atuam diretamente com os povos e comunidades tradicionais, mas as necessidades de aprofundamento e maior atenção à temática foram apontadas pelos próprios Núcleos; apesar da centralidade dos NEAs com a questão da produção de alimentos saudáveis, a preocupação é com a saúde integral, por isso, muitos NEAs desenvolvem atividades de espiritualidade, danças, exercícios de yoga, músicas, dentre outros; para a produção de alimentos saudáveis, sem agrotóxicos, já está incorporado pelos NEAs a necessidade de cuidar da biodiversidade, solo e água; os editais governamentais de apoio aos Núcleos contribuíram para o reconhecimento institucional do trabalho em agroecologia nos territórios e fortaleceram a Política Nacional de Agroecologia, assim como outras políticas públicas e devem, por isto, continuar sendo apoiados.

A interação social e a capacidade de mobilização nos territórios de atuação dos NEAs só são possíveis através de relações de cooperação mútua dos projetos e parceria com organizações sociais. Durante o processo de sistematização, identificaram-se 70 Redes de Articulação e 430 parcerias dos NEAs com 249 organizações sociais, dentre elas associações, cooperativas, sindicatos, movimentos sociais e com vários grupos informais que atuam junto ao público beneficiário dos NEAs. As parcerias evidenciam capilaridade social, fortalecem agendas comuns de desenvolvimento e articulação entre as instituições e organizações sociais presentes nos territórios. As parcerias potencializaram, ampliaram e qualificaram as ações dos Núcleos e as integraram em outras ações, programas e políticas públicas, executadas por agências públicas de desenvolvimento e de assessoria.

Dentre as políticas públicas, os Núcleos desenvolvem ações articuladas, principalmente, com aquelas de fortalecimento da agricultura familiar camponesa e de populações tradicionais, com destaque às relacionadas aos mercados institucionais (Programa Nacional de Alimentação Escolar, PNAE e Programa de Aquisição de Alimentos, PAA), aos serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), ao Programa Nacional de Fortalecimento à Agricultura Familiar (PRONAF), ao Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) e ao Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC). Os Núcleos que atuam no semiárido brasileiro trabalham com políticas de promoção de convivência com o semiárido, desenvolvendo ações junto ao Programa um milhão de cisternas. Apesar dos avanços, ainda se nota a falta de registro de trabalho com outras políticas públicas que não atuam diretamente com a atividade agropecuária, o que indica a persistência da visão que reduz o “rural” ao agrícola, assim como, é necessário ampliar as políticas de agricultura urbana, fortalecendo ações importantes que os NEAs também constroem nas cidades por meio das feiras, das ações de formação e diálogo com grupos da cidade e na implementação de outras políticas ligadas ao direito ao bem viver nos ambientes urbanos.

Enquanto Produção Acadêmica, foram registradas 1.049 publicações, sendo 388 artigos publicados em periódicos científicos. Os dados refletem a capacidade de envolvimento e de produção acadêmico-científica dos Núcleos. O apoio aos Núcleos possibilitou avanços institucionais importantes a partir do engajamento de vários professores, técnicos e estudantes dos diferentes níveis (médio, graduação e pós-graduação) com a agroecologia. Dentre os avanços, destaca-se a capacidade de prover a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, de forma transdisciplinar. O apoio financeiro aos Núcleos deu visibilidade e ampliou os grupos que desenvolvem a agroecologia nas instituições. Estes, por sua vez, contribuíram para fortalecer a construção e socialização do conhecimento agroecológico, a partir, inclusive, de mídias (mais de 200) instaladas. Com o apoio das chamadas, alguns Núcleos conseguiram se institucionalizar e cursos e disciplinas de agroecologia foram criados nas instituições de ensino. Alguns dos Núcleos estão vinculados diretamente aos cursos de pós-graduação de suas instituições.

Os avanços promovidos pelas Chamadas Públicas são frutos das demandas por investimentos em fomento de ações que promovam a agroecologia e a produção orgânica pela comunidade acadêmica e pela sociedade em geral. Esses avanços apontam, por sua vez, novos desafios para dar continuidade à ampliação dos trabalhos e resultados relevantes obtidos pelos NEAs e viabilizados pelas Chamadas Públicas. Dentre os desafios, embora com avanços, ainda persiste a necessidade dos NEAs se articularem e integrarem suas ações em Rede de NEAs. Uma das chamadas públicas apoiou às Redes de NEAs

(cinco R-NEAs, uma em cada região do país), o que contribuiu para ampliar a atuação em rede. As chamadas precisam continuar apoiando tais Redes. As Redes promoveram encontros nacionais, regionais, estaduais, locais e territoriais entre os NEAs o que possibilitou maior integração das ações e intencionalidades presentes nos projetos. As caravanas culturais e agroecológicas, amplamente utilizadas pelo movimento agroecológico, a partir do III Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), bem como os processos de sistematização de experiências, como este gestado em parceria com a ABA-Agroecologia, são importantes experiências metodológicas que conferem visibilidade e criam identidades importantes entre os NEAs.

Outro desafio encontrado pelos NEAs refere-se à falta de estrutura adequada para viabilizar as atividades internas e externas aos campi das instituições de ensino e estações experimentais. As ações externas não são apenas de extensão, elas possibilitam a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a partir dos territórios rurais e urbanos, seus contextos e formas de organização, de forma multidisciplinar e transdisciplinar. Para isto, é preciso processos de experimentação e articulação dentro e fora das instituições, que possibilitem envolvimento e interação social por parte das populações como variáveis para construir o conhecimento agroecológico. Não raramente, os grupos de agroecologia e os Núcleos enfrentam dificuldades em manter seus espaços físicos nas instituições. Garantir estruturas para atividades internas e externas dos Núcleos é promover a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Dentre as demandas encontram-se, principalmente, aquelas destinadas ao transporte, local de experimentação nas áreas das instituições e salas permanentes para as atividades dos Núcleos. As chamadas precisam apoiar tais demandas.

As bolsas concedidas (787 bolsas), em sua maior parte de iniciação científica e de extensão (especialmente no menor nível financeiro da modalidade extensão no país), permitiram o engajamento de muitos jovens nas ações dos Núcleos, pois promoveram as condições materiais necessárias para a atuação deles. Os Núcleos precisam continuar e avançar nos processos autogestionários que dão vez, voz e protagonismo aos jovens, pois são eles que dão vitalidade e criatividade aos Núcleos, dão rotina às ações e possuem capacidade de prover de maneira contínua e permanente, as atividades de ensino, pesquisa e extensão dos Núcleos. Para fortalecer as ações dos Núcleos deve se considerar, nas chamadas, a possibilidade de contratação, como bolsistas, de agentes mobilizadores das próprias comunidades e organizações sociais, envolvidas com os projetos. De importância inquestionável, os valores das bolsas e os pré-requisitos para seu acesso dificultam a continuidade ou a seleção dos bolsistas. Por exemplo, os valores referentes às bolsas de extensão são muito abaixo do mercado e inviabilizam a contratação de profissionais com maior experiência para contribuir com o desenvolvimento das atividades de pesquisa, ensino e extensão. Além disso, os bolsistas das últimas chamadas tiveram, em 2017, o pagamento de suas bolsas interrompido, o que dificultou a continuidade de muitas ações.

Para além dos estudantes bolsistas, os NEAs propiciaram verdadeiros processos educativos. A dimensão pedagógica dos NEAs foi possibilitada ao conferir protagonismo das ações aos estudantes envolvidos, mas também, ao trazer metodologias inovadoras, como as caravanas culturais e agroecológicas, as instalações artísticas-pedagógicas, os círculos de culturas, os intercâmbios de saberes e os mutirões. Os mutirões, muito apreciados pelos jovens, trazem o trabalho como princípio educativo e resgatam ações de cooperação e solidariedade comuns, em especial no passado, nas comunidades.

Um desafio encontrado pelos Núcleos é a prática de registro e sistematização de suas ações e experiências, o que por um lado é entendida, muitas vezes, como uma atividade comprobatória para os órgãos reguladores e financiadores, e não como possibilidade de prover reflexões visando qualificar o trabalho realizado. O registro ainda é feito de maneira mecânica, sem considerar a forma nem conteúdo e, portanto, muitas vezes realizadas sem o prévio planejamento e sem o uso de métodos eficientes. A ideia do registro como comprovação dificulta a possibilidade de capturar informações que possam servir como indutores de análises que culminem em aprendizados. Por outro lado, os órgãos reguladores e financiadores não integram, em suas chamadas, mecanismos que possam promover e qualificar as análises e aprendizados, o que poderia contribuir para o aprimoramento das políticas públicas.

Diante dos impactos evidenciados anteriormente e da abrangência das ações, a ABA-Agroecologia indica a importância e a necessidade de continuidade e ampliação das Chamadas Públicas

de apoio aos NEAs para a promoção de forma indissociável do ensino, da pesquisa e da extensão, voltados para o fortalecimento da agroecologia e da produção orgânica no Brasil.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos aos vários ministérios, em especial à Sead, ao CNPq, aos NEAs e R-NEAs e todas as organizações e pessoas que constroem a agroecologia no Brasil e que possibilitaram a realização do projeto.

---